

FOTOGRAFIA: A METAMORFOSE DO FAZER FOTOGRÁFICO

MARIA GORETE DADALTO GONÇALVES

UNIVERSIDADE FEDERAL DO
ESPÍRITO SANTO

Questionamentos relativos ao olhar e ao senso crítico têm persistido na nossa prática atual, nas aulas de fotografia dos cursos oferecidos pelo Centro de Artes da Universidade Federal do Espírito Santo, impulsionando nosso estudo na direção do projeto poético do fotógrafo ou artista/fotógrafo.

São questionamentos relativos aos novos processos de criação da imagem fotográfica, neste momento, quando temos a presença de novas possibilidades tecnológicas provocando modificações em nossa percepção de mundo, no nosso modo de vida, pensamentos e hábitos e na nossa capacidade de criação. Multiplicidade e complexidade são a tônica nesta sociedade pós-moderna, marcada pela presença da tecnologia digital.

Presenciamos mutações na produção da imagem, seja na utilização do computador para criar universos plásticos, produtos multimídia e ainda na produção para redes telemáticas e na distribuição destes bens, operando-se grandes mudanças,

em especial no que se refere à audiência, à transmissão, à fruição da arte e ao fazer artístico.

A imagem fotográfica, neste contexto, passa desde o seu início por transformações substanciais em sua técnica que influenciam, modificam e tencionam o próprio conceito de fotografia e que não podemos desconsiderar neste estudo.

A fotografia – recorte espaço/temporal – pressupõe um projeto, um ato, que é intencional, ou melhor, que guarda as buscas do fotógrafo, as tomadas de posição. Este projeto poético implica uma série de escolhas com características próprias à fotografia: a sensibilidade do suporte à luz e suas diversas gradações; o dispositivo mecânico e todas as suas possibilidades de manuseio (foco, lentes, diafragma, obturador); o processamento químico (que permite a visualização) e suas diferentes variantes. São propriedades que caracterizam e diferem a imagem fotográfica das outras imagens, promovendo diferentes aspectos plásticos, significações e sentidos.

A fotografia contemporânea se apresenta diferente de períodos anteriores, principalmente com relação ao seu fazer, sua materialidade, a especificidade dessa matéria e as possibilidades de manuseio, combinando técnicas antes não exploradas.

A proliferação dos recursos digitais tem feito com que alguns autores profetizem o fim do laboratório fotográfico, no entanto, são muitas as possibilidades e procedimentos que permitem o envolvimento de processos mistos, filmes fotográficos (película) e *scanners*, convivendo os vários processos sem necessariamente um eliminar o outro. Podemos ainda notar um meio influenciando o outro fazendo surgir, dessa mistura, transgressões que apontam para novas estéticas visuais. Não seria a primeira vez na história que presenciáramos tal fato.

O momento é de construção, no sentido mais radical do termo. É certo que a fotografia em todas as suas etapas é uma seqüência de escolhas, porém agora, com os recursos da informática, este ato de construção fica extremado, levando

aos seus limites o retoque, a interferência, a manipulação, a fabricação da imagem fotográfica. Não é simplesmente uma 'pixelização' – transformação dos grãos de prata em pixels. Atrás destes recursos existe uma mudança de projeto poético, de postura, de tomada de posição, de qualidade de imagem, e conseqüentemente uma metamorfose estética.

Leva ao extremo a relação de diálogo do artista com a matéria. Não uma imposição ou uma postura dominadora sobre esta. Exige uma vontade do artista e uma vontade do meio, uma série de diálogos, um jogo entre criador e matéria.

Voltamos a um momento em que a discussão das escolhas do fotógrafo, das características dos materiais e da técnica é essencial, pois a estes fatores estará condicionada a constituição de um novo olhar.

Este interesse surge uma vez que as preocupações nas discussões sobre fotografia, em sua maioria, transcorrem ainda hoje sobre a referencialidade ou leitura da imagem (produto final), deixando-se de estudar outras questões importantes na sua construção e compreensão, como o processo de criação do fotógrafo; as escolhas de tema, elementos constitutivos; materiais escolhidos, equipamentos (tipo de câmera, lente, filtros...), ângulo, enquadramento e processo fotográfico utilizado. A idéia é pensar a fotografia pelo seu ato criador e tratar este ato comunicativo como objeto de conhecimento.

Ao se propor a fazer uma fotografia, o fotógrafo se envolve com uma variedade quase sem fim de possibilidades de materiais e de suas combinatórias (eixo sintagmático e paradigmático), base de sua própria existência. É esta materialidade que incorpora, que guarda registradas as informações de todo o ato fotográfico e é onde se revelam as marcas do fotógrafo.

Desta forma, pode-se dizer de alguns momentos do processo fotográfico que nos ajudarão a melhor compreender a fotografia de nossa época: as potencialidades e transformações da matéria e seus procedimentos e as tendências do fotógrafo.

À medida que sofrem alterações ou surgem novas matérias, ou novos equipamentos, estes sugerem modificações no fazer e na tendência do fotógrafo.

A história da humanidade está povoada de exemplos sobre as modificações que os meios tecnológicos provocaram na produção dos artistas. Assim, podemos pensar que a tecnologia digital altera o fazer do fotógrafo, modifica sua percepção de mundo, seu olhar, interferindo no seu projeto poético, isto é, nas escolhas de equipamento, suporte sensível, assunto, etc.

Para refletir sobre o processo de criação do fotógrafo, buscamos na Teoria Geral do Processo de base semiótica, referencial teórico/metodológico, uma vez que esta disciplina se preocupa com a gênese da obra e pode nos fornecer subsídios teóricos para pensarmos o fazer fotográfico. Pensando etapas do processo fotográfico na diversidade do processo de criação de alguns fotógrafos chegaremos a discutir alguns fundamentos da gênese fotográfica.

No processo de criação do fotógrafo encontram-se as marcas em contatos, anotações em diários, layers ou camadas deixadas na memória do computador. Marcas do caminho de construção escolhido onde estará a somatória das tendências, ações e acasos ocorridos no percurso. Nos registros materiais encontraremos a construção mental ou intelectual do fotógrafo.

Desta forma, teremos uma visão geral do fazer fotográfico contemporâneo, a partir da análise dos documentos de processo (arquivos de imagens, anotações, e outras fontes – correspondências, entrevistas).

Vê-se com isso o quanto esse meio [...] pretensamente objetivo, do qual se disse tantas vezes no plano filosófico que ele se efetuava na 'ausência do homem', implica de fato ontologicamente a questão do sujeito, e mais especificamente do sujeito em processo. (DUBOIS, 1998).